

INTRODUÇÃO

Os três contistas escolhidos para este trabalho, Reinaldo Arenas, David Leavitt e João Silvério Trevisan, apresentam perfis bastante peculiares. Vivenciaram um tempo em que apenas narrar histórias de e para homossexuais não era mais suficiente, era preciso, também, traçar uma linha de coerência ligando suas vidas às suas palavras. As palavras e as coisas. Eram, desde os seus primeiros livros – publicados no período de 1976 a 1984 – “assumidos”. E, talvez justamente por isso, escreveram romances, novelas, ensaios e poesias nos quais ampliaram e aprofundaram a representação da cultura homoerótica¹ em sua diversidade e singularidade. Todavia, se suas incursões pelos gêneros literários foram amplas, não deixa de ser relevante que os três começaram escrevendo contos, com o detalhe que Leavitt e Trevisan estrearam em livro utilizando esta forma, a narrativa curta servindo também como confissão, depoimento biográfico e intelectual.

Arenas, Leavitt e Trevisan são escritores americanos de uma geração pós-*Stonewall*. Se a noção de que as práticas homoeróticas variam de época para época e lugar para lugar², podemos flagrar um momento de descontinuidade epistemológica³ na formação do seu discurso, quando, em 28 de julho de 1969, diversos freqüentadores de um bar guei⁴ chamado *Stonewall Inn* – e também moradores da vizinhança, no Village, bairro de Nova Iorque, reagiram à violência e ao abuso da polícia local. Esse dia ficaria marcado como “dia do orgulho guei”. E a década seguinte, os anos 70, veria o surgimento do *gay power*. Dá-se, a

¹ Tomo a decisão de adotar a palavra “homoerótico”, para definição de práticas mais amplas do que se convencionou designar para as experiências do desejo, afeto e sexo entre pessoas do mesmo sexo biológico, conforme Jurandir Freire Costa sugere e demonstra em seu trabalho pioneiro a respeito do tema. COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*.: estudos sobre o homoerotismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p. 11.

² FRY, Peter, e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 7.

³ No mesmo sentido que Foucault empresta ao seu método de arqui-escritura: “nossa cultura manifestou que havia ordem e que às modalidades dessa ordem deviam as permutas suas leis, os seres vivos suas regularidades, as palavras seu encadeamento e seu valor representativo.” FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. Salma Tannus Muchail (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. XVIII.

⁴ João Silvério Trevisan opta por sempre abrigar o termo estrangeiro (gay), que, de certa forma, já se encontra naturalizado pelo uso em todas as mídias brasileiras. Contudo, como brasileiro falante do português, sigo o seu exemplo e adoto a mesma grafia da palavra para este trabalho.

partir daí, a passagem de uma outra compreensão a respeito das práticas sexuais e afetivas para aqueles que antes eram chamados de “homossexuais”. Os gueis, conscientes de seu desejo e do preconceito existente na sociedade, reagiram inicialmente contra a própria homofobia interior, este medo de lidar com a diferença e com a delícia de se sentir e ser o que se é, o medo de ser exceção à regra, de não fazer parte de uma maioria detentora do poder e de “verdades absolutas”. Por isso, assumir-se.

O recorte que faço em seus contos procura avaliar a construção dos sujeitos ficcionais que movimentam suas afetividades, libidos e impulsos num jogo de atração e retração pelo objeto amado – no caso, homens que se relacionam com homens e mulheres que se relacionam com mulheres – e a maneira como produzem seu discurso sobre si mesmos, confessando-se e moldando-se tanto na esfera do privado – família e amigos – quanto na do público – Igreja e Estado.

Procurei, ainda, enfatizar o debate entre o homoerotismo, como signo da liberdade, e algumas das principais instituições reguladoras da expressão individual, revestidas do signo da autoridade. Antes disso, no entanto, preparei um capítulo em que contextualizo a produção dos três autores, elencando suas identificações em relação à história e ao espaço geográfico, pontuando o debate teórico que cerca a questão identitária e argumentando em defesa da minha escolha pelo gênero literário breve. Os demais capítulos aparecem distribuídos individualmente para cada escritor. Neles, articulo aspectos da representação literária com cada uma das três instituições autoritárias distintas. A escolha de uma determinada instituição, para a análise literária de um autor específico, justifica-se pelo próprio grau de relevância com que ela aparece nos contos estudados. Deste modo, os diálogos serão entre: Arenas e o Estado, Leavitt e a Família e, por fim, Trevisan e a Igreja. Com isso, tomei o caminho deliberado de não comparar o trabalho dos três escritores diretamente.

Como *corpus* deste trabalho foram escolhidos contos-matriz ou contos que julguei exemplares para dar cabo ao meu intento, adicionando, também, comentários e passagens de outros contos. Chamo-os de “contos-matriz” pelo fato de eles terem posteriormente originado outras narrativas, igualmente curtas – contos e novelas – ou longas – romances, onde os mesmos temas foram retomados. Os contos foram retirados dos livros de

estréia dos autores. De Reinaldo Arenas, *A Velha Rosa*⁵; de David Leavitt, selecionei *Territory*⁶; e de João Silvério Trevisan, *Testamento de Jônatas deixado a David*⁷.

É inquestionável o reconhecimento que as obras de Reinaldo Arenas, David Leavitt e João Silvério Trevisan têm alcançado junto ao público e à crítica especializada mundial. Os três ganharam diversos e importantes prêmios literários, foram traduzidos em diversas línguas, ocupam as páginas de vários jornais e revistas⁸.

Outro ponto de interesse está no fato de existir uma lacuna na publicação dos contos de Reinaldo Arenas e David Leavitt no Brasil. Nenhum de seus livros de contos foi inteiramente traduzido e publicado entre nós, apenas romances e novelas. Espero, assim, que este estudo provoque também uma maior aproximação entre o público-leitor e a literatura dos três autores, franqueando ainda o surgimento de novas traduções para o nosso ainda modesto mercado editorial.

O desejo, a máscara, um gesto não previsto. Minha leitura rastreia a vida das personagens gueis em situações limites: o confinamento dentro da família, do seminário e de um país. Elas transitam pelo público e pelo privado constantemente. E sofrem as conseqüências da sua diferença, enfrentando o *status quo*. No caso deste trabalho, as feições adotadas pela Autoridade, tendo como seus vetores de repressão as instituições Estado, Família e Igreja.

⁵ Este conto integra os livros *Con los ojos Cerrados* (1972) e *Termina el desfile* (1981) – sendo o último uma reedição do anterior, com o acréscimo de um único conto, homônimo ao título – e foi publicado no Brasil, juntamente com “Arturo, a estrela mais brilhante”, como se fosse uma novela. ARENAS, Reinaldo. *A Velha Rosa*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1996.

⁶ LEAVITT, David. *Territory*. In.: *Family Dancing*. New York: Alfred A. Knopp, 1985, p. 3-27.

⁷ TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. In.: *Testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 85-93.

⁸ Reinaldo Arenas, o único dentre eles já falecido, teve sua autobiografia *Antes que anoiteça* filmada e projetada nas telas de cinemas de inúmeros países, rendendo até uma indicação ao Oscar em 2001 como melhor filme estrangeiro. David Leavitt, por sua vez, além de muito prestigiado desde jovem, viu seu primeiro romance, *Linguagem Perdida*, transformado em filme pela BBC em 1992. Já no caso de João Silvério Trevisan, ficcionista e ensaísta renomado, ganhador de mais de uma edição do Prêmio Jabuti e do APCA, o Instituto Moreira Sales registrou, na coleção *O escritor por ele* mesmo, um depoimento seu em vídeo e a leitura de vários de seus textos em CD no ano 2000.